

José Bonifácio e a Independência do Brasil

José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) foi o principal personagem da Independência política e do início da formação da nacionalidade brasileira. Em meio a tantas personalidades de alto nível -como Frei Caneca, Cipriano Barata, Feijó- sua atuação foi decisiva nesses primeiros momentos de vida diplomática, política e cultural do novo país.

Ele nasceu em Santos 1793, filho de comerciante bem colocado na cidade. Estudou com religiosos em São Paulo, depois na Faculdade de Direito de Coimbra, formando-se também em Filosofia e Matemática. Tornou-se secretário da famosa Academia das Ciências e Letras de Lisboa. Realizou longa viagem de estudos pela Europa (Paris, Freiburg, Austria, Alemanha e Italia, Suecia, Dinamarca), criando depois a cadeira de Metalurgia da Universidade de Coimbra. Em Paris, presenciou em 1790 a Revolução Francesa, tornando-se amigo dos principais cientistas e intelectuais da época. Ocupou postos administrativos em Portugal e, como oficial do Corpo Acadêmico, lutou contra as tropas de Napoleão. Autor de estudos sobre mineralogia e agricultura, retornou ao Brasil somente em 1819, continuando suas pesquisas mineralógicas em São Paulo, com seu irmão Martim Francisco. Em 1820, obtém o título de conselheiro, conferido por D. João VI.

A Revolução do Porto muda sua vida. Em 1820, nomeado presidente da Junta Provisória de São Paulo, escreveu a importante *Lembranças e Apontamentos do governo provisório de São Paulo a seus Deputados*, que atuaram bravamente nas Cortes de Lisboa. Durante o processo de Independência, José Bonifácio teria papel decisivo junto a D. Pedro I, instando-o em 1822 a desobedecer as ordens de Lisboa. Como ministro, arquitetou a política interna e externa, esboçando em apenas dois anos o projeto do novo Estado nacional.

Com sólida formação ilustrada, muito viajado e vinculado aos filósofos e cientistas do Enciclopedismo, desentendeu-se logo com D. Pedro. E, mais grave ainda, esbarrou com os interesses dos escravocratas e dos poderosos comerciantes que tinham no Rio de Janeiro suas bases políticas e financeiras. Em 1823, no auge do processo de Independência, assumiu cadeira de deputado na brevíssima Assembléia Geral Constituinte (a primeira de nossa História), atuando somente durante um curto período, quando propôs dois projetos de lei fundamentais: um, sobre a integração dos **índios** na sociedade brasileira, e, outro, sobre a abolição da **escravatura** e emancipação gradual dos escravos.

Por discordar do projeto muito liberal de Constituição, D. Pedro I dissolveu a Constituinte a 12 de novembro. Bonifácio é preso e exilado para a França. Com seus irmãos Martim e Antonio Carlos (também deputados exilados), passou por Vigo (Espanha) e chegou a Bordeaux em julho de 1824. Vigiado, viveu com enormes dificuldades, mas publicou suas **Poesias Avulsas** e **Ode aos Gregos**.

Com a crise da abdicação de Pedro I do governo brasileiro em 1831, o imperador o indica como tutor de seu filho Pedro II, com 5 anos. Nesse ano, sob o pseudônimo arcádico de Américo Elísio, Bonifácio publica **O Poeta Desterrado. Ode escrita em Bordéus em 1825**.

No ano seguinte, José Bonifácio é destituído da tutoria de Pedro II, por força do ministro da Justiça, o padre Diogo Antonio Feijó, paulista de Itu, que o acusa de tentativa de levante armado. Em 1833, afastado da tutoria, retira-se para Niterói (Paquetá), "na condição de preso por conspiração e perturbação da ordem pública". Julgado à revelia em 1835, foi absolvido, vindo a falecer em Niterói (RJ) em 6 de abril de 1838. Deixou estudos de Mineralogia, traduções e poesias, além de inúmeros escritos (inclusive publicados na Europa), apontamentos, ensaios, correspondência e curiosas notas pessoais.

Ele era um bom leitor dos clássicos (como Tito Lívio, Buffon, Camões) e tradutor de Humboldt. Defendia a introdução da vacina, do sistema métrico, da meteorologia, preocupando-se com os problemas da população brasileira, da *língua*, da *escola*, do voto dos analfabetos (assegurados na Instrução de 19 junho de 1822), da reforma agrária, da indústria, da agricultura, da universidade.

O projeto de José Bonifácio sobre a abolição do tráfico de escravos africanos e a escravidão constitui a mais importante e vigorosa obra brasileira contra o tráfico, o que explica a ira geral dos comerciantes negreiros que contra ele se levantou. O mesmo se poderia dizer do projeto sobre os índios, que antecipa de quase um século a obra do general Rondon. E também de sua impressionante correspondência e ação diplomáticas, que o qualificam como o *fundador da política exterior brasileira*, muito antes do Barão do Rio Branco.

Para José Bonifácio, portanto, **a Independência política não se completaria sem o equacionamento da questão social, educacional e cultural. Muito atual, como se vê.**

Bibliografia:

1. Sobre a **produção** de **José Bonifácio**, leia Miriam Dolhnikoff (org.)- **José Bonifácio de Andrada e Silva. Projetos para o Brasil**. S. Paulo, Companhia das Letras, 1998.
2. Sobre a **vida e a obra** de José Bonifácio, ver meu estudo em Lourenço Dantas Mota (org.), **Introdução ao Brasil. Um Banquete no Trópico**. S. Paulo, Ed. SENAC, 1999.
3. Sobre a Independência em geral, ver meu estudo “Idéias de Brasil: formação e problemas (1817-1850)”, na obra coletiva **Viagem Incompleta. A Experiência Brasileira, 1500-2000** (Formação; histórias). S. Paulo, Ed. SENAC, 2000.

Carlos Guilherme Mota, historiador, é Professor Titular da Universidade de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e autor, entre outros livros de **Ideologia da Cultura Brasileira e Idéia de Revolução no Brasil** (Ed. Atica) e Coordenador de **Viagem Incompleta** (acima citada).